

ÉTICA E ANTROPOLOGIA EM AGOSTINHO

Mauro Cardoso SIMÕES

Mestrando em Ética – PUC-Campinas

Mestrando em Lógica e Epistemologia – UNICAMP

I - AGOSTINHO E A HISTÓRIA

Agostinho é uma das figuras mais importantes de seu tempo, do Cristianismo e da filosofia. Sua personalidade original e rica marcou profundamente todas as coisas onde pôs sua mão. A filosofia e a teologia medieval, ou seja, o que se tem chamado de Escolástica, toda a dogmática cristã, disciplinas como a filosofia da história, ostentam a marca inconfundível de Agostinho.

Sem dúvida, o espírito cristão e a modernidade tem sido influenciados por Agostinho; e tanto a Reforma quanto a Contra-Reforma tem recorrido de um modo especial às fontes agostinianas.

Agostinho é um africano. Nasceu em Tagaste em 354, uma cidade importante na Numídia. Teve em sua ascendência duas influências distintas: seu pai, Patrício, magistrado pagão, batizado só ao morrer, sendo um homem violento e carancudo que tanto perturbou Agostinho, sua mãe Mônica, canonizada pela Igreja, por ser uma mulher de grande virtude e pelo seu espírito cristão.

Aurélio Agostinho estudou muito jovem em Tagaste, depois em Madaura e em Cartago. “Nesta época se enamora de uma mulher, que amará de amor constante e da qual terá, em 372, um filho chamado Adeodato. Este amor durará mais de dez anos, mas Agostinho jamais se casará com ela, talvez por preconceitos familiares de casta”¹.

Neste mesmo tempo encontra pela primeira vez a revelação filosófica, lendo o Hortênsio de Cícero, que lhe causou uma impressão muito forte. Desde então adquiriu consciência do problema filosófico, e o afã da verdade já não havia de abandoná-lo até a morte.

Busca a Escritura, a qual lhe parece pueril, e a soberba frustra este primeiro contato com o cristianismo, indo buscar então a verdade entre os maniqueus. Manés nasceu na Babilônia no começo do século III, e pregou sua fé pela Pérsia e quase toda a Ásia até a Índia e a China. Voltando à Pérsia foi preso e morreu em suplício. Sua influência se estendeu também pelo Ocidente e foi um grande problema para o Cristianismo até a metade da Idade Média. O maniqueísmo contém muitos elementos dos cristãos e das diversas heresias, budistas, gnósticas e ainda das idéias de Zoroastro. Seu ponto de partida é o dualismo irreduzível do bem e do mal, da luz e das trevas, de Deus e do Diabo. Ao maniqueísmo Agostinho acolheu cheio de entusiasmo.

Em Cartago ensina Retórica e se dedica à astrologia e a filosofia. Logo vai para Roma e em seguida para Milão. Em Milão encontra o bispo Ambrósio, teólogo e orador, a quem escuta assiduamente e que contribuiu tanto para sua conversão.

Descobre, nesse período, a superioridade da Escritura e sem ser ainda um católico, se afasta dos maniqueístas; a partir de então ingressa como catecúmeno na Igreja e vai se aproximando

⁽¹⁾ Santo AGOSTINHO. *Confissões*, p.6.

cada vez mais do cristianismo. Estuda São Paulo e aos neoplatônicos e “o eco mais conhecido de sua formação neoplatônica se encontra no Livro VII das Confissões”².

“Numa crise de desagrado de si mesmo, de arrependimento e ansiedade, até que ouve uma voz infantil que lhe ordena: *toma e lê*”³. Agostinho pega o Novo Testamento e ao abri-lo lê um versículo da Epístola aos Romanos que alude à via de Cristo frente aos apetites da carne. Sente-se transformado e livre, cheio de luz; o obstáculo da sensualidade desaparece nele. Agostinho já é totalmente cristão.

A partir desse momento sua vida é outra e se dedica integralmente a Deus e a sua atividade religiosa e teológica. Retira-se uma temporada com sua mãe, seu filho e alguns discípulos e daí provêm alguns de seus escritos mais importantes. Logo se batiza pelas mãos de Santo Ambrósio e se dispõe a voltar à África. Antes de sair da Itália perde sua mãe. Dois anos depois, já em Cartago, morre seu filho. Logo é ordenado sacerdote em Hipona e mais tarde é consagrado bispo desta mesma cidade. Sua atividade é extraordinária e junto ao exemplo fervoroso de sua alma cristã vão surgindo suas obras. Em agosto do ano 430 Agostinho morre em Hipona.

Agostinho conseguiu, apesar de sua vida conturbada, redigir uma obra imensa, a maior parte inspirada nos problemas concretos que preocupavam a Igreja da época.

Entre as principais obras de Agostinho temos as *Confissões* (400), o *De Trinitate*, *Contra os Acadêmicos* (386), *Solilóquios* (387), *Do Libero Arbitrii* (388-395), *De Magistro* (389), *Espírito e Letra* (412), *De Civitate Dei* (413-426) e as *Retractaciones* (413-426).

(2) Henrique C de LIMA VAZ. *Antropologia Filosófica I*, p. 64.

(3) Julián MARIAS. *História de la Filosofía*, p. 110.

II - O HOMEM NO UNIVERSO DA FILOSOFIA ANTIGA E MEDIEVAL: INTRODUÇÃO A ÉTICA DE AGOSTINHO

É certo dizermos que todos os filósofos gregos concordavam em que o homem é algo que se sobressai do resto do universo e que a alma humana é a parte mais importante do composto chamado homem. Parece ser também um consenso que a alma sobrevive após a morte do corpo - embora deva ser dito que essas opiniões não eram compartilhadas na filosofia de alguns pensadores. É o caso de Demócrito, por exemplo.

As duas mais importantes visões sobre o homem que tiveram uma influência decisiva na Alta Escolástica foram as de Platão e Aristóteles⁴. Podemos incluir nessa influência o Neoplatonismo e alguns elementos do Estoicismo⁵. Para Platão a alma é o verdadeiro ser do homem⁶; ela é o espírito exilado no mundo material, e sua única tarefa é vencer a matéria e retornar ao mundo a que propriamente pertence, qual seja, o Mundo das Idéias.

Enquanto na concepção platônica a alma é verdadeiramente o outro-mundo, para Aristóteles ela é primordialmente a substância do corpo⁷. Embora Aristóteles atribua à alma humana um certo parentesco com a divina, toda a sua doutrina sobre a alma humana, conquanto não 'materialista', revela-se inteiramente com os pés no chão.

Na filosofia estoíca, a alma era concebida como uma participação na alma cósmica ou no "logos", algo de caráter monístico. Esta alma, um fragmento ou uma "centelha" da alma divina, é a verdadeira personalidade do homem, e a verdadeira sabedoria consiste em libertar o pensamento e o querer dos liames das coisas

(4) Henrique C de LIMA VAZ. *Escritos de Filosofia - problemas de fronteira*, p. 74-75.

(5) Jacques LECLERCQ. *As Grandes Linhas da Filosofia Moral*, p. 162-163

(6) Henrique C. de LIMA VAZ. *Antropologia Filosófica I*, p. 37

(7) ARISTÓTELES. *Metafísica*, VII, 1037^a.

terrenas, empíricas ou particulares e conservar a alma em harmonia com a direção divina e universal do cosmos.

Quando o Neo-estoicismo se encaminhava para uma visão de mundo determinista, naturalista, e de um materialismo rígido, surge outra filosofia: o Neoplatonismo, como campeã da doutrina da imortalidade e da “redenção” dos grilhões do mundo material. Para Plotino a alma do homem é uma emanção da Alma Universal que, por sua vez, provém do Nous, a saber, do Uno enquanto pensa e quer por si mesmo⁸.

Com relação ao Neoplatonismo que inclui, em certo sentido, um conhecimento místico e uma união com a divindade, sabemos da atração que ele exerceu sobre os filósofos cristãos, e a sua influência foi muito poderosa na baixa escolástica pela mediação dos Santos Padres e, em particular do nosso filósofo, Agostinho.

Temos, pois, na Idade Média duas vertentes de pensamento: a platônica e a aristotélica. Alguns pensadores se inclinavam fortemente para Platão, outros para Aristóteles, outros ainda partilhavam a ambos. Poucos “aristotélicos puros” (séc. XIII) podiam livrar-se da influência de Platão, mas também poucos “agostinianos” podiam deixar de aceitar a terminologia de Aristóteles, a sua divisão das faculdades da alma, e mesmo a sua definição da alma como sendo a forma substancial do corpo.

Para os primeiros Santos Padres a alma não era tanto um problema psicológico mas antes ético-religioso. A sua principal preocupação não estava em produzir um sistema coerente de psicologia ou de ética (achavam que isso era dado na revelação e, conseqüentemente, nada de novo podiam encontrar na filosofia grega, daí só tiravam a confirmação da verdade revelada); a sua preocupação residia antes no campo da apologética, para defenderem a doutrina da alma contra o gnosticismo, o maiqueísmo e outras heresias trazidas para a religião cristã. Contudo, durante o século XIII,

⁽⁸⁾ Julián MARÍAS, *História de la filosofía*, p. 95

e depois, certas heresias precisavam não apenas ser refutadas como também exigiam um esclarecimento de certas noções, tais como *natureza, pessoa, substância* e etc. Além disso, alguns Santos Padres, com Gregório de Nissa, tornaram-se interessados em antropologia. Estes, comentando o Gênesis, a criação do homem, o seu domínio sobre as coisas, sua queda, seu destino, estavam especulando não apenas teologicamente mas também filosoficamente sobre a "alma", sua relação com o corpo, sua natureza intrínseca, suas atividades e seu fim último.

Entre todos os escritores da patrística, a psicologia de Agostinho merece uma atenção especial, não apenas pela sua influência sobre a filosofia medieval mas também por ser a sua doutrina uma das mais coerentes do seu tempo.

Para Agostinho - e aqui está a diferença que o separa das fontes do neoplatonismo - cada alma é uma entidade espiritual única, criada junto com o corpo, e para este corpo em particular (às vezes Agostinho parece sugerir que a alma, pelo menos enquanto "forma de um corpo", é transmitida pelos pais no ato da geração; esta doutrina se chama Traducianismo).

Não há dúvida de que no que se refere à espiritualidade da alma e às provas que Agostinho fornece da sua afirmação tenha havido uma antecipação do "Cogito" cartesiano⁹. Para entender a natureza da alma, Agostinho confia muito mais na "introspecção" e na auto-análise do que na relação das faculdades da alma com seus respectivos objetos¹⁰. A nossa experiência nos mostra que somos um e que devemos conceber a alma como uma substância espiritual. Nesta "unicidade" vemos um prestígio da própria natureza de Deus. Demais, a experiência nos mostra três diferentes operações do espírito: *intelecção, desejo e memória*. Nestas três, Agostinho encontra um vestígio da Trindade, uma vez que nestas operações o homem participa da eternidade de Deus (memória e auto-consciência), da

⁽⁹⁾ Santo AGOSTINHO. *Confissões*, X, p.262

⁽¹⁰⁾ *Ibid.*, X, p.263

verdade eterna de Deus (intelecto) e da sua infinita bondade (amor). Agostinho usa ainda outras analogias, encontradas na alma ou no ser criado, para mostrar o vestígio de Deus nos seres.

É sobretudo na capacidade e no desejo pela verdade eterna que Agostinho vê a prova da imortalidade da alma. Na sua capacidade para o bem e no amor, Agostinho vê a essência última de toda a conduta moral do homem; a livre escolha ou livre arbítrio é a raiz psicológica da ética agostiniana. Essa noção de liberdade, um tanto negligenciada na filosofia grega, encontra nos Santos Padres um profundo interesse, quer do ponto de vista teológico, quer filosófico.

A alma do homem ou intelecto (somente uma capacidade, um desejo), para conhecer a verdade, depende dos sentidos como ponto de partida¹¹. Mas para atingir a “verdade eterna”, não somente em si mesma (DEUS) mas também representada nas coisas criadas, ele precisa da iluminação divina. Esta “teoria da iluminação” como elemento essencial para o conhecimento, mesmo puramente natural, pode ser encontrada em alguns pensadores medievais que seguiram a psicologia e a epistemologia de Agostinho.

Os filósofos medievais, como os seus predecessores da Patrística, aceitavam a doutrina escriturística da natureza da alma, e o que ensinava a filosofia com relação a esta natureza eles apenas faziam concordar ou negar. Não obstante, quase todos os pensadores da Idade Média - exceção feita para os dialéticos que estavam mais preocupados com a validade dos conceitos universais e com a lógica em geral -, mostram um interesse filosófico para com o problema da alma. Isto em parte se torna claro na sua tentativa de elucidar as atividades do intelecto e da vontade, de classificar mais precisamente as faculdades da alma para estabelecerem sua relação com o corpo, uma vez que, pela fé, não viam neste uma prisão, mas a companhia destinada à imortalidade através da ressurreição no dia do Juízo Final. Os filósofos da Baixa Idade Média seguiam, em geral, os ensinamentos

(11) IDEM, X, p.263

de Agostinho relativos à substancialidade, espiritualidade e imortalidade da alma. Mesmo assim, alguns deles, como os da Escola de Chartres, se ocupavam com aquilo a que chamavam de "Psicologia Empírica", estudando a psicologia do conhecimento do sentido, o efeito da luz, da cor, do som, etc. Sobre os órgãos dos sentidos, as funções vegetais do organismo humano e animal e outras questões, com que entravam em contato nos tratados gregos e judeu-árabes, sobre a medicina, sensação dos sonhos, óptica, etc.

No pensamento da Alta Idade Média, as duas tendências básicas em psicologia-platônica e agostiniana por um lado, e aristotélica por outro, se mostram mais claramente distintas em diferentes autores: Alexandre de Hales, São Boaventura e outros representantes da escola franciscana, embora às vezes usando a terminologia aristotélica, defendiam mais a "auto-consciência" introspectiva orientada, a psicologia centrada em Deus e a epistemologia de Agostinho.; já Alberto Magno, Tomás de Aquino e outros seguidores da escola dominicana se fundamentavam em Aristóteles¹².

III - A VIDA ÉTICA COMO BUSCA DA FELICIDADE NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO

Afirma Gilson que semelhante à sua antropologia e a sua noética, à ética de Agostinho forma uma só com a sua metafísica e a sua religião. O conhecimento ético é um caso particular da iluminação divina que é, ela própria, um efeito das Idéias Divinas. As definições de círculo e da esfera são verdades eternas e necessárias que julgam o nosso pensamento e este, por sua vez, julga os círculos e as esferas particulares. Mas as verdades morais são também imutáveis, necessárias e eternas quanto elas são especulativas. Também, todo homem as vê na sua própria mente, e elas são comuns

⁽¹²⁾ Henrique C. de LIMA VAZ, *Escritos de Filofofia*, p. 21-28

a todos. Todos concordam que a sabedoria consiste no conhecimento pelo qual se obtém a **felicidade**; daí se infere que se deve esforçar para obtê-las¹³. Muitas regras de sabedoria são claras, tais como: respeitar a justiça, subordinar o inferior ao superior, tratar eqüitativamente as coisas semelhantes, dar a cada um o que se lhe deve, etc. Todas estas regras, e muitas outras mais, constituem em nós as muitas expressões de uma Idéia, de uma Lei Inteligível que é para a nossa mente uma luz. Há, portanto, uma iluminação moral das virtudes como há uma iluminação especulativa das cognições científicas. Em outras palavras, a mesma explicação metafísica considera a iluminação física dos corpos pelos números¹⁴, a iluminação especulativa da mente pela ciência e a sua iluminação moral pela virtude.

As regras morais cuja luz brilha em nós, constituem a "*lei natural*", e o conhecimento, ou a percepção desta em nós se chama "*consciência*". Mas a consciência moral e o conhecimento das virtudes não bastam para consumir a vida moral. O homem não é só intelecto, ele é também vontade e enquanto a sua vontade não se conformar com as prescrições da verdade moral, não se pode dizer que haja moralidade. O modelo de ordem que se obteria em nós mesmos se encontra diante de nós, na natureza. A sabedoria de Deus colocou tudo em seu próprio lugar e estabeleceu entre as coisas todas as relações que convêm às suas naturezas. A "justiça" física é o modelo ideal a partir do qual as nossas ações deveriam realizar-se. As quatro virtudes cardeais de prudência, fortaleza, temperança e justiça são expressões particulares da "lei eterna", vale dizer, regras de conduta aplicáveis a problemas particulares da vida moral. De modo inverso, a origem comum dos vícios morais é o injusto movimento da vontade que se recusa a conformar-se às prescrições

(13) Santo AGOSTINHO, *Confissões*, X, 271

(14) Agostinho realiza suas reflexões sobre esta questão em diversas passagens de sua obra *Confissões* das quais citamos as páginas livro X, 262 e 266. Podem existir outras passagens onde Agostinho continua sua meditação em torno deste problema, mas para o que intentamos mostrar, cremos ser estas citações, o suficiente.

da ordem eterna. Mais especificamente, os vícios são ações desordenadas da vontade que prefere o deleite dos bens materiais ao gozo da verdade inteligível.

Segundo Gilson, um otimismo metafísico invade toda a doutrina de Agostinho. Ele nunca admitiu que a matéria fosse má nem que a alma do homem estivesse unida ao corpo em punição de seu pecado¹⁵. Tendo superado o dualismo gnóstico dos maniqueus, ele jamais sofreria recaídas. Por outro lado, Agostinho nunca cessou de repetir que as relações presentes da alma e do corpo não eram mais como costumavam ser. O corpo do homem não foi criado como uma prisão para a alma, mas foi isso que veio a acontecer como conseqüências do pecado de Adão, e o principal problema da vida moral é o escapar-se dessa prisão.

Pecado, isto é, a transgressão da lei divina, resultou numa rebelião do corpo contra a alma. Daí nascem a concupiscência e a ignorância. Ao invés de controlar o corpo, a alma é controlada por ele.

No estado de queda, o homem não pode salvar-se por sua própria força. Sendo uma criatura de Deus, o livre arbítrio era bom; mas uma vez que não passa de criatura, este não podia ser perfeitamente bom. Em outras palavras, a queda do homem não era necessária mas era possível. Agora, não obstante ele caia por seu livre arbítrio, este não é suficiente para levantá-lo de novo. Em Agostinho, isto era mais que uma convicção abstrata. O momento decisivo na sua história pessoal foi o da descoberta do pecado, o da incapacidade de superá-lo, sem a graça de Deus, como também a experiência do seu êxito com o socorro divino. Esta deve ser a razão pela qual, desde o começo de sua carreira e mesmo antes de conhecer Pelágio, que Agostinho tenha escrito contra ele como se o tivesse conhecido. As controvérsias anti-pelagianas, que começaram por volta do ano 412, somente o encorajaram a acentuar com mais vigor a necessidade da graça.

(15) Santo AGOSTINHO. *Diálogo sobre a felicidade*, p. 33-39.

A liberdade plena não nos é acessível nesta vida, mas tentar aproximar-se dela já agora é o meio de obtê-la após a morte. O homem a perde ao afastar-se de Deus para o corpo, ele a recobra ao desviar-se dos corpos para Deus. A queda foi um movimento de cupidez; o retorno a Deus é um movimento de caridade, que é o amor por aquilo que merece ser amado. Expressa em termos de conhecimento, essa conversão para Deus consiste no esforço da razão humana em voltar-se do sensível para o inteligível. Enquanto está imersa nos objetos sensíveis, a razão se chama "*razão inferior*"; enquanto se esforça por romper os objetos sensíveis e elevar-se à contemplação das Idéias Divinas, ela é chamada "*razão superior*". Ora, tanto Platão como Plotino já sabiam que tal era o destino do homem.

O fim da filosofia é a **felicidade**. Ser feliz pelo pleno gozo da sabedoria é ser verdadeiramente um filósofo. Mas só os cristãos são felizes, porque só eles possuem o verdadeiro Deus que é a fonte de toda a beatitude e, com a graça de Cristo, eles a possuirão para sempre. Somente os cristãos a possuem, mas todos os cristãos a possuem juntamente¹⁶. O que é chamado um povo, uma sociedade ou uma cidade, é um grupo de homens unidos na busca no amor de um bem comum. Todos os homens, sejam cristãos ou pagãos, vivem nas cidades temporais cujos membros se acham unidos pelo desejo comum dos bens temporais, necessários à vida temporal¹⁷. A paz, vale dizer a tranqüilidade, nascida da ordem, é o mais elevado desses bens desejáveis, pois ela inclui todos os outros. Mas, além de serem membros dessas cidades temporais, os cristãos formam uma outra cujos cidadãos são homens que, vivendo pela mesma fé, estão unidos pelo seu amor comum ao mesmo Deus e pela busca comum

(16) Étienne GILSON. *Les Métamorphoses de la Cité de Dieu*. Universitaires de Louvains, Vrin, 1952, p.70-75.

(17) *Ibid.*, p.77-78. Gilson afirma que somente os cristãos são predestinados à felicidade, e que somente com a conversão dos pagãos ao cristianismo é que os mesmos poderão fazer parte dos eleitos. Cabe destacar a importância dada por GILSON aos misteriosos decretos da predestinação divina.

da mesma beatitude. Consideradas enquanto organizando-se em vista dos bens temporais e separadas de Deus, todas as cidades temporais podem ser vistas como formando uma única "*Cidade Terrena*" cuja história começa com os primeiros dias da humanidade; considerada enquanto se organizando dentro da igreja cujo fim é conduzi-los para a beatitude, todos os cristãos integram uma única "*Cidade Celeste*", que pode ser precisamente chamada a "*Cidade de Deus*".

A progressiva construção da Cidade Celeste era o verdadeiro fim de Deus ao criar o mundo. O monumental tratado de Agostinho, *A Cidade de Deus*, tem exatamente por objetivo retrair, num audacioso resumo, uma teologia da história para a qual todos os eventos históricos constituem os muitos momentos de execução de um plano previsto e querido por Deus. A história é a manifestação de um mistério, o mistério da caridade divina no constante trabalho de restaurar a criação desordenada pelo pecado. A predestinação dos escolhidos para a beatitude é a mais alta expressão dessa caridade. Porque uns devem ser salvos e outros não, isso é um mistério de Deus. Ao meditar sobre esse mistério, deve-se lembrar que, desde a queda de Adão, o homem sozinho não tem nenhum direito de ser salvo. A salvação é uma obra de amor, não de justiça; e o mistério reside muito menos em porque todos os homens não são salvos do que só alguns o são. Uma coisa pelo menos é certa, Deus nunca condena um homem sem uma equidade completamente justificada, mesmo que a equidade da sentença permaneça profundamente oculta para nós e que a razão nem sequer possa suspeitá-la.